

Nova peça insculturada da região raiana do Sabugal (Beira Interior, Portugal): uma primeira abordagem

Raquel Vilaça¹, Marcos Osório², André Tomás Santos³

Resumo

Apresenta-se o estudo da mais recente estela da região do Alto Côa, encontrada no núcleo urbano de Aldeia Velha (Sabugal), com particularidades formais e iconográficas que a distinguem das já conhecidas nesta zona e que justificam uma análise detalhada.

Abordam-se em pormenor os aspectos técnicos, morfológicos e simbólicos, em especial o facto de nesta estela terem-se juntado, aos elementos clássicos, outros de difícil interpretação, geradores de uma composição figurativa complexa.

Discute-se também a sua proveniência, valorizando-se a proximidade daquele núcleo urbano relativamente ao povoado proto-histórico do Sabugal Velho e ao recinto pétreo da serra do Homem de Pedra, com sugestivo topónimo que suscita diversas considerações sobre a sua natureza. Faz-se ainda a articulação da estela com os núcleos e achados proto-históricos próximos, bem como com todas as estelas conhecidas nesta zona geográfica.

Palavras-chave: Alto Côa, Bronze Final, Estela, Capacete, Recinto.

Abstract

We present the study of the most recent discovery of a stele in the Alto Côa region, found in the urban core of Aldeia Velha (Sabugal), with formal and iconographic peculiarities that distinguish it from those already known in this area and which justify a detailed analysis. We discuss in detail the technical, morphological and symbolic aspects, especially the fact that in this stele it has been joined, to the classical elements, other ones difficult to interpret, generating to a complex figurative composition.

We also discuss its origin, located near two interesting archaeological sites: the proto-historic settlement of Sabugal Velho and the stony enclosure of the Serra do Homem de Pedra, with a suggestive name which raises several considerations on its nature. We did the articulation of this finding with the cores and proto-historic findings near and all the steles known in this geographical area.

Key words: Alto Côa region, Late Bronze Age, Stele, Helmet, Enclosure.

¹ Instituto de Arqueologia. Departamento de História, Arqueologia e Artes da Universidade de Coimbra. CEAUCP (FCT). E-mail – rvilaca@fl.uc.pt.

² Câmara Municipal do Sabugal. CEAUCP (FCT). E-mail – arkmarcos@hotmail.com.

³ Parque Arqueológico do Vale do Côa, IGESPAR I.P. CEAUCP (FCT). E-mail – a.t.santos@sapo.pt.

Introdução

Após a descoberta, na década de oitenta do século passado, das estelas de Baraçal e dos Fóios (Curado, 1984; 1986), e depois do aparecimento (Maio de 2006) de uma outra estela na povoação de Baraçal (Santos *et al.*, neste volume), mais recentemente, foi identificada uma nova peça insculturada na região do Sabugal, desta vez em Aldeia Velha.

Tal como aquelas, a que ora se publica é datável, genericamente, de finais da Idade do Bronze. Todavia, em termos formais e iconográficos possui especificidades que justificam particular atenção, seja pela presença de determinados motivos que aparecem representados pela primeira vez em monumentos desta natureza na região, seja mesmo pelo tipo particular de suporte. Entre aqueles, destaca-se a figura de um capacete, bem como um outro motivo que, em rigor, é de difícil interpretação. Quanto ao tipo de suporte, deve ser sublinhado que a sua concepção formal, em forma de pilar, com quatro faces bem delineadas (embora só uma historiada), a afastam dos suportes de tendência mais lajiforme, comuns à maioria das estelas⁴, o que lhe confere inequívoca imponência.

A identificação desta peça foi inicialmente divulgada na imprensa regional, não só com propósito noticioso de carácter genérico, mas também de sensibilização da população local em relação ao património arqueológico da sua terra (Osório, 2009b). Com este texto, pretende-se agora, e ainda numa primeira leitura, dar a conhecer diversas facetas deste interessante e não menos problemático exemplar. Como veremos, várias questões ficaram em aberto, exigindo futura atenção e reanálise de determinados aspectos que não pudemos esclarecer, pelo que o presente texto deverá ser entendido como uma primeira aproximação ao seu conhecimento.

Circunstâncias de achado

No seguimento da surpreendente descoberta da estela de Baraçal 2 (Santos *et al.*, neste volume), nada fazia prever o aparecimento de mais um testemunho, agora, e de novo, na zona oriental do concelho do Sabugal, não muito distante dos Fóios, onde, como vimos, tinha já sido encontrada uma estela (Curado, 1986).

O interesse arqueológico do monólito foi confirmado por um de nós (M. O.), em Março de 2008, após indicação do seu proprietário, o Sr. Ulisses Fonseca Pires, morador em Aldeia Velha. No decurso de uma visita que efectuara à exposição permanente do Museu do Sabugal, informou os respectivos serviços que possuía uma pedra semelhante às estelas dos Fóios e do Baraçal, patentes na exposição. Imediatamente, tomaram-se todos os procedimentos necessários e adequados para confirmar a au-

4 Infelizmente, nem sempre as publicações existentes apresentam informações completas acerca da morfologia das estelas, nomeadamente sobre as secções, o que limita uma análise rigorosa sobre esta questão.

tenticidade do achado, recolhê-lo e trazê-lo em condições para o Museu⁵.

A peça encontrava-se deitada no pavimento do quintal anexo da adega do proprietário, na esquina da Rua da Calçada com a Rua do Teotónio, em Aldeia Velha. Segundo informação do Sr. Ulisses, estava aí há muitas décadas, tendo chegado a servir de suporte de pipas, mas ignora-se o seu local de proveniência original, pois já não há memória oral das circunstâncias de achado. Dizia-se que ela teria vindo do povoado do Sabugal Velho, mas tal informação poderá ter sido sugerida pelo facto de ser o sítio arqueológico mais conhecido e próximo, situado a cerca de 2 km a sudoeste da aldeia. É uma possibilidade, porém. O certo é que se trata de uma descoberta em meio urbano, tal como Baraçal 2 e, por conseguinte, com grandes limitações de estudo em termos contextuais, territoriais e paisagísticos, que se desejaría. Não obstante estes condicionamentos, justifica-se uma caracterização genérica do marco geográfico da região que, a uma macro-escala, define o seu contexto⁶.

Localização e enquadramento geomorfológico

A povoação de Aldeia Velha situa-se a cerca de 20 km para nascente do Sabugal, com acesso pela estrada municipal 551, ficando apenas a 6 km da fronteira com a Espanha. Administrativamente, é sede de freguesia do concelho do Sabugal, distrito da Guarda. O local de achado é assinalado na CMP n.º 227 (1: 25.000) com as coordenadas UTM 29 TPE 681,34/4468,26.

O aglomerado estende-se pelo cume e vertentes de um relevo pouco destacado, com 890 m de altitude. Daí obtém-se um controlo visual de toda a extensa plataforma do Alto Côa, que mais não é do que o prolongamento, Beira adentro, da superfície da Meseta. Para norte, o olhar alcança o alto de Sacaparte, Aldeia da Ponte, Jarmelo e Marofa; a poente define-se a Serra Alta (um relevo com 1.100 m de altitude máxima, popularmente designado por Serra da Aldeia Velha), em cujas estribeações setentrionais foi fundado o povoado do Sabugal Velho, e que se prolonga para sudoeste com o nome de Serra do Homem de Pedra, de que voltaremos a falar; para sudeste avistam-se ainda os topos da Xalma e das Mesas.

A formação topográfica é contornada por diversas linhas de água, entre elas a ribeira de Aldeia Velha, que desce das encostas setentrionais da Serra Alta, atinge a cota base da plataforma mesetenha e inicia o seu percurso para norte, desaguando no Côa, a c. 22 km de distância. A aldeia situa-se na margem direita deste importante afluente do Alto Côa.

A proximidade ao curso de água e à respectiva veiga de cultivo, toponimicamente denominada de Alagoa, tornam o local propício a primitivo assentamento humano, de que, porém, não são conhecidos quaisquer vestígios. Em torno do aglomerado obser-

5 Não podemos deixar de louvar, quer a iniciativa do proprietário ao oferecê-la desinteressadamente a uma entidade pública, onde a peça pode ser por todos usufruída, quer o empenho profissional dos funcionários da empresa municipal, bem como a disponibilização dos meios necessários para o efeito por parte da Câmara Municipal.

6 Consideramos inverosímil a hipótese de a estela não ser proveniente da região.

vam-se diversas parcelas cultivadas com cereais, produtos hortícolas e pastagens, intercaladas com terrenos incultos, revestidos de giestas, carvalhos e alguns pinhais.

O substrato geológico é dominado por granito porfiróide de duas micas, predominantemente biotítico, “de grão grosseiro com grandes e numerosos cristais de feldspato” (Teixeira *et al.*, 1960: 11). Registam-se no interior, e sobretudo na periferia do aglomerado, abundantes afloramentos rochosos. No entanto, as serranias adjacentes são de substrato xistoso, passando a linha de contacto do granito com o xisto pela encosta norte da Serra Alta (Teixeira *et al.*, 1960: 5).

A região encontra-se integrada no chamado planalto da Guarda/Sabugal (Girão, 1951: 74), onde o elemento reinante e modelador da paisagem é a planura elevada, apenas intercalada por alguma tímida elevação e pelo declive do vale do Côa e seus afluentes. Inserida nesta plataforma topográfica, Aldeia Velha resguarda-se nos contrafortes setentrionais da serra, estando por isso, discretamente enquadrada e ladeada a sul e poente por este acidente orográfico de elevada altitude, visível à distância (Estampa 5). Este facto possibilita que esteja protegida do lado sul e que obtenha um domínio visual da paisagem do quadrante norte.

Em termos regionais, a zona convive com o sistema montanhoso da Cordilheira Central, representado em Espanha pelas Serras de Guadarrama, Gredos, Gata, Peña de Francia e Xalma, com orientação ENE-WSW, e que se prolonga pelo território português, respeitando a mesma orientação, pelas serranias das Mesas e da Malcata, continuando depois pelas serras da Estrela e da Gardunha. Conjuntamente, todas elas terão sido, desde sempre, uma importante barreira natural, mas também é sabido que, desde tempos muito remotos, tal não impediu que as comunidades a atravessassem e circulassem no seu seio através de corredores, portos de montanha, etc.

O monólito

1. Metodologia de registo

A metodologia de registo⁷ utilizada é similar à que se aplicou, por exemplo, no estudo da estela de Baraçal 2 (Santos *et al.*, neste volume) e que recordamos sucintamente: limpeza e decalque sobre plástico de cristal transparente pouco espesso com canetas de tinta permanente de várias espessuras e cores, seja para os limites das faces historiadas (ponta M – vermelho), para as fracturas, fissuras e outros acidentes naturais das peças (ponta F – vermelho), seja para as gravuras (a negro com canetas de ponta M ou F, consoante o nível de pormenor exigido pelos sulcos).

O decalque foi feito com recurso a luz rasante provinda de holofote fotográfico de 1000 wats, rodando em torno da peça, de forma a garantir o registo de todos os sulcos e picotados.

A este trabalho seguiu-se o desenho das secções das peças à escala 1:20, em

⁷ Os trabalhos de limpeza e registo decorreram nas instalações do Museu do Sabugal em Junho, primeiro, e de novo, nos finais do mês de Julho de 2009.

papel milimétrico. Os eixos ortogonais a partir dos quais se procedeu ao registo daquelas foram assinalados no plástico, de forma a garantir a integração de ambos os desenhos após a redução dos mesmos.

2. Análise técnica e descrição

O monólito apresenta configuração sub-rectangular com ligeiro estrangulamento no terço inferior (Estampa 1). As secções longitudinal e transversal são, respectivamente, poligonal e sub-rectangular. O campo gravado da peça foi grosseiramente preparado; neste sentido, é particularmente relevante que ressaltos naturais do suporte tenham sido ignorados na gravação quer da lança quer do motivo desconhecido a que nos referiremos.

Para a sua confecção foi escolhido granito porfiróide de grão médio a grosseiro de cor acinzentada, com ocorrências de feldspato de grande tamanho (granito “dente de cavalo”), predominante, aliás, na região. Actualmente apresenta 188 cm de altura, atingindo a largura máxima de 53 cm. A espessura é bastante regular, andando em torno dos 26-28 cm.

Como já deixámos subentendido, a composição figurativa da peça de Aldeia Velha é complexa. Trata-se de uma “estela de guerreiro”. Aos elementos estruturais característicos das estelas básicas (Celestino Pérez, 2001) — escudo, lança e espada — juntaram-se-lhes outros, nem todos de fácil identificação, que lhe conferem um lugar pouco ortodoxo neste mundo das estelas e estátuas-menires de finais da Idade do Bronze.

O repertório consiste, de cima para baixo, nos seguintes elementos (Estampas 1 e 2): capacete e sugestão de face humana, motivo multicurvilíneo, lança, escudo, espada, covinha e sulco.

Como a peça se encontra fracturada no topo, o capacete (Estampa 3), de morfologia genericamente cónica, também possui a extremidade superior incompleta. Na parte central foi gravado um triângulo de base recta; sob esta e no prolongamento dos lados daquele marcou-se um sulco meândrico que poderá corresponder a decoração, viseira ou simulação dos olhos. Esta leitura não é absolutamente segura, na medida em que temos algumas dúvidas na existência de uma ligação inequívoca (embora por nós representada) entre os dois semicírculos. Imediatamente abaixo foram gravadas duas covinhas alinhadas horizontalmente e apostas no alinhamento do eixo vertical do capacete; em redor deste conjunto foi gravado novo triângulo com os lados paralelos ao interior e com a base semielíptica. Finalmente, um sulco arranca a partir do prolongamento da base do triângulo interior (do lado esquerdo do observador) e rodeia pela base todo o conjunto, desenvolvendo-se paralelamente a este. É dúbia a sua leitura. Poderia evocar a representação da barba, mas também alguma outra espécie de adereço, como uma aba horizontal em torno do capacete, representada segundo uma perspectiva semitorcida.

Ignoramos o que poderá ser o motivo seguinte (Estampa 4). Apresentamos, a

título de hipótese, uma leitura sequencial interpretativa. Orientado para a esquerda do observador, o motivo, compósito, apresenta contorno irregular com predomínio de linhas curvas, com vaga semelhança aviforme; sobre o que seria a cabeça deste último foi gravado um rectângulo de cantos arredondados; da base do que seria o peito arranca sulco curvo com a extremidade distal orientada para o centro da composição; a partir do que seria a cauda desenvolve-se sulco recurvado para o exterior, cujo *terminus* envolve covinha.

Segue-se a composição central com lança, escudo e espada.

A lança (Estampa 1), com 46 cm de comprimento, está orientada à direita e foi gravada com a lâmina ligeiramente inclinada; esta é foliforme, não apresentando qualquer nervura central; a haste é simples.

O escudo (Estampa 1), com o diâmetro de cerca de 40 cm, está representado por três círculos concêntricos e uma oval com o eixo maior paralelo à abraçadeira, de forma rectangular com cantos arredondados; os três círculos têm escotaduras em V à direita, sendo que o mais excêntrico apresenta vestígios de um possível esboço circular anterior à representação daquelas; a abraçadeira tem o seu eixo maior alinhado com o das escotaduras.

A espada (Estampa 1) possui 28 cm de comprimento e apresenta uma lâmina com o lado superior recto e o inferior com a ponta convexa, o que poderá indicar que se trata de uma arma de um só gume e não de uma verdadeira espada; o punho possui forma genérica de triângulo com a base virada para cima e o vértice menor adossado à lâmina, o que reforça aquela hipótese. A sua orientação é contrária à da lança⁸.

No terço inferior do monólito gravaram-se ainda uma covinha isolada e um sulco linear que se desenvolve de forma tenuemente diagonal em relação ao eixo menor da peça.

Tecnicamente, todo o conjunto foi conseguido por picotagem, com diferentes graus de profundidade. A modalidade indirecta foi usada no escudo, no capacete e no motivo desconhecido — a avaliar pelos seus picotados mais profundos (que podem atingir os 3 cm) — sendo difícil identificar qual a que terá sido utilizada nos restantes motivos. No caso do capacete é importante salientar que os motivos do interior apresentam picotados mais finos e menos profundos. A profundidade dos sulcos que definem a lança nunca ultrapassa os 2 cm; refira-se que quer a lâmina quer parte do cabo se encontram polidos. A espada é o motivo que apresenta os negativos menores e menos profundos, nunca ultrapassando 1 cm. Por outro lado, é aqui que se verifica a menor preocupação na definição do objecto, sendo mesmo muito difícil precisar a resolução gráfica da ponta. Em suma, trata-se, no seu conjunto, de técnica de gravação complexa que dificultou, em determinadas situações, uma leitura completamente segura.

3. Suporte, iconografia e análise comparativa

Começemos pela questão do próprio suporte. Não obstante a presença de mo-

⁸ Sobre esta temática, veja-se Santos *et al.*, neste volume.

tivos característicos das “estelas de guerreiro” ou “estelas do Sudoeste”, a peça de Aldeia Velha não é, em rigor, uma verdadeira estela. E embora se encontre historiada uma única face, a sua estrutura prismática e a evocação da representação de uma figura humana legitimam talvez como mais adequada a designação de estátua-menir⁹. Neste aspecto, se bem que não em muitos mais, aproxima-se dos monólitos I e III de S. Martinho (Castelo Branco), também eles com inúmeros problemas interpretativos¹⁰.

Infelizmente, como já antes assinalámos, nem todas as publicações integram as secções das peças, pormenor que reputamos de fundamental. A atenção dada ao estudo dos suportes orienta-se para os tipos de matérias-primas em que são feitos — quase sempre de origem local e, evidentemente, aspecto a não negligenciar — e menos para aspectos formais. Pensamos, porém, que ao assunto deverá ser dada sempre especial atenção, particularmente quando passamos para o plano interpretativo e nos procuramos colocar na pele dos destinatários e na concepção dos hipotéticos cenários onde eram incorporados estes tipos de monumentos.

Efectivamente, a tridimensionalidade da peça tem de ser tida em conta. E, mesmo que não gravadas, as restantes faces — dados os cuidados com a sua clara individualização — podem conter mensagens de menor expressividade icónica ou condicionar, de sobremaneira, a leitura total da peça, leitura essa que não se pode confinar, apenas, às gravações da face principal. O que aqui temos é a simulação de um modelo antropomorfizado (não interessa agora se guerreiro, vivo ou morto, se figura tutelar, heroicizada, ou divindade, etc.) e que não se restringe à face gravada, incorporando igualmente o próprio suporte, i.e., o corpo. A abordagem cognitiva em termos comunitários — modo como encaramos, e justificamos, a existência destas entidades arqueológicas — poderia ser feita, tal como nos acercamos de um corpo, a partir de direcções distintas e, nessa medida, o espaço cénico criado, e a sua percepção, não seria exclusivamente linear, mas circular. Devemos reter estas reflexões para quando chegarmos, mais adiante, e assumirmos, como hipótese verosímil, que não verificável, que o monólito de Aldeia Velha poderia ter integrado e polarizado um espaço circular monumentalizado em plena serra, onde a(s) comunidade(s) convergira(m).

Não menos importante é a sua dimensão, que merece ser sublinhada. Com os seus 188 cm é, conjuntamente com a estela de Baraçal 2, que atinge 190 cm (Santos *et al.*, neste volume), dos monólitos com maior altura, superando a estatura normal de um indivíduo. Mas tendo presente a necessidade de ser parcialmente soterrada para manter verticalidade e estabilidade, é admissível (tendo também em conta a fractura no topo) que, do ponto de vista visual ficasse muito perto da estatura humana mediana.

Assim, e ao contrário do simbolismo das estátuas e ícones colossais de que a História da Arte de todos os tempos e inúmeros lugares é profícua, esta proximidade dimensional no exemplar de Aldeia Velha poderá ser encarada não só em termos

9 A expressão designa, porém, realidades bastante distintas do Neolítico à Idade do Ferro. Sobre o assunto veja-se, por exemplo, Philippon, A. (dir.), 2002: 52-53.

10 Sobre o assunto vejam-se os principais contributos reunidos em síntese recente de Vilaça *et al.*, 2004.

técnicos e estilísticos, mas também como expressão voluntária de demonstração da entidade evocada fazer parte “dos seus”, i.e. com estatura e dimensão humanas, ou seja, da comunidade, de que é próxima e que nela se reconhece, mas — por aquilo que exhibe (pelo menos armas e qualquer coisa mais) — com quem se não confunde. Neste sentido, a identidade (ou talvez melhor dizendo, a individualização) do personagem dá-se não pelo que ele é (corpo como os demais), mas pelo que ostenta.

Como já referimos, em termos iconográficos o estudo interpretativo desta peça é difícil de se fazer. Nem todos os elementos estão identificados e a figura onde encontramos um capacete é complexa. A própria composição iconográfica como que nos convida a uma leitura a dois tempos. Terá ela alguma tradução também em termos cronológicos?

Com efeito, a parte central do monumento integra a associação clássica das armas das estelas ditas básicas, mas essa centralidade já não equivale a protagonismo, uma vez que partilha com a parte superior, correspondente à cabeça, um notável equilíbrio.

Naquele conjunto, o escudo mantém-se centralizador. Com três círculos e respectivas escotaduras, encontra paralelo próximo no escudo de San Martín de Trevejo (Cáceres) (García de Figuerola, 1982). A lança é de um tipo vulgar com ponta lanceolada, muito semelhante à de Baraçal 1 (Curado, 1984), tal como se vê em vários outros exemplares. Já a espada é de tipo menos comum, parecendo antes ser arma de um só gume com ponta curva, como um sabre. Formalmente aproxima-se da exibida na estela de Alburquerque ou Três Arroyos (Badajoz), não obstante apenas ser conhecido sumário desenho de Juan Cabré, visto que se encontra perdida. Como assinalou a seu tempo Almagro (1966: 61), neste caso é notória a sua semelhança com o machete do depósito de Lloseta (Maiorca), arma que também vemos figurada nas figurinhas de guerreiros sardos.

Mas no monólito de Aldeia Velha, tal como nos de Baraçal 2 (Santos *et al.*, neste volume), Pedra Atalaia 1 (Celorico da Beira) (Vilaça *et al.*, neste volume), Puerto de Honduras (Cáceres) (Sanabria Marcos, neste volume), San Martín de Trevejo (Cáceres) (García de Figuerola, 1982) e Robleda (Salamanca) (Martín Benito, 2009), registam-se outros elementos que remetem a ideia da existência de uma Zona I definida por estelas básicas (com escudo, lança e espada), de acordo com a sistematização elaborada por Celestino Pérez (2001), para o campo da historiografia das estelas. O próprio autor revê o assunto numa completa e actualizada sistematização (Celestino Pérez e Salgado Carmona, neste volume).

Como dizíamos, em Aldeia Velha a centralidade das três armas não é sinónimo de protagonismo. No conjunto, este é partilhado pela “cabeça” da peça onde, pelo menos, encontramos um capacete cónico. As motivações ideológicas e culturais específicas da sua inclusão são de difícil determinação, mas afigura-se, no contexto da “indumentária defensiva do guerreiro”, como complemento do escudo.

Além do capacete, ou integrando-o, estão presentes outros elementos. A linha

sinuosa inferior sugere, de imediato, uma viseira. No entanto, este artifício defensivo parece ser inexistente nos capacetes do Ocidente europeu, da Idade do Bronze Final. Por isso, inclinamo-nos mais para um elemento decorativo e simbólico no próprio capacete, que, junto com as duas covinhas alinhadas¹¹, definiriam contornos anatómicos. Conhecem-se alguns exemplares, como o de Blainville (França) (Coutil, 1927: 363), que apresentam duas saliências circulares simétricas (equivalentes à linha sinuosa), ou como os capacetes de cornos de Vikso (Dinamarca), que ostentam olhos, sobancelhas e nariz/bico na face frontal (Wester, 2000: 1216-1217).

Independentemente destes pormenores de leitura nem sempre explícita, o facto é que se exhibe um capacete de tipo pouco frequente¹², visto que a primazia recai nos capacetes de cornos, os quais terão substituído os capacetes cónicos de tipologia atlântica (Harrison, 2004: 138-144; Celestino Pérez e López-Ruiz, 2006: 91). O exemplar em apreço encontra alguns dos seus melhores paralelos nas estelas da Zona II, com destaque para os de Zarza de Montanchez e de Santa Ana de Trujillo (Cáceres), este último também com crista (Almagro, 1966: 66-67 e lám. XV). Muito embora esta região não seja demasiado distante da do Alto Côa, deve ser sublinhado o registo, pela primeira vez nesta zona beirã, da representação de um capacete, tornando-a, simultaneamente, a mais setentrional de todas onde ocorre a representação de tais manifestações.

Como é sabido, para os capacetes cónicos, e ao contrário dos de cornos, conhecem-se alguns, raros, modelos materiais em bronze, em solo peninsular, datáveis dos sécs. XI-X a.C. Em território espanhol destacam-se os fragmentos do depósito de Huelva, de dois tipos distintos, com e sem crista (Hencken, 1955-1956; Ruiz-Gálvez Priego, 1995: 62; 217-218 e lám. 249; Brandherm, 2008: 483). Os exemplares portugueses, de idêntica cronologia, resumem-se aos achados de Vila Cova de Perrinho (Vale de Cambra) (Brandão, 1963; Kalb, 1980: 29 e 43) e, eventualmente, do castro de Avelãs (Bragança) (Kalb, 1980: 29 e 43)¹³.

Entre a cabeça e a ponta de lança encontra-se o motivo cujo significado desconhecemos e para o qual não identificámos quaisquer paralelos figurados ou referentes materiais (Estampa 4). Admitindo que corresponda a algo já representado nas estelas, poderíamos pensar num carro ou numa lira, mas somos os primeiros a rejeitar tais hipóteses. Como não pretendemos ter resposta para tudo, preferimos dizer, sim-

11 Estas covinhas poderiam representar dois pequenos orifícios ou ilhós, comuns nos capacetes, para prender uma jugular ou um francalete ao rebordo. Mas, existem outros exemplares com três ou mais orifícios no capacete que inviabilizam que este elemento fosse representado de forma tão pormenorizada. De facto estas covinhas ajustam-se mais a uma representação esquemática de narinas.

12 Entre os capacetes de tipo cónico, conhecem-se os seguintes casos em estelas: Santa Ana de Trujillo, Valencia de Alcantara III, Las Herencias I, Setefilla, Atégua, Almagren, Cabeza del Buey III e Solana de Cabañas (estes dois últimos são duvidosos, de acordo com vários autores, o que nos parece correcto).

13 Neste caso, os fragmentos são muito pequenos, o que limita, em nosso entender, a sua própria identificação como restos de capacete. Os de Vila Cova de Perrinho encontram-se em estudo por Carlo Bottaini e Alexandre Rodrigues.

plesmente, que não sabemos o que representa, nem sequer, mesmo, se foi concluída a sua representação. Seja o que for, terá sido importante para figurar em lugar de destaque, em sintonia com os outros elementos. Por outro lado, não deixa de ser notório que, uma vez mais, nos deparamos com a presença de um objecto de difícil interpretação, quando é bem sabido que, normalmente, os motivos deste tipo de estelas se pautam por uma imediata e fácil identificação. De todo o modo, a figura de Aldeia Velha em nada se assemelha às também duvidosas que encontramos nas estelas de Esparragosa de Lares II (esquematização de lingote de pele de boi?) ou Capilla III (Celestino Pérez, 2001: 369, 374; 2008: 116).

Por fim, não podemos deixar de fazer um breve registo sobre a questão da simultaneidade da representação dos diversos motivos, mesmo daqueles que são globalmente contemporâneos entre si. No caso em análise, é certo que não se verificam, do ponto de vista gráfico e com os mecanismos de controlo existentes, quaisquer indícios de ter existido mais do que um momento de gravação. Mas tal não é impossível, mesmo sem evidências empíricas. A hipótese de, num primeiro momento, ter apenas figurado a tríade escudo-espada-lança e só depois os restantes, não é de excluir. Tão-pouco a de aquela, conjuntamente com o capacete, corresponder a um “programa” de raiz, ao qual se juntou, *a posteriori*, o motivo não identificado, que parece “estar a mais”.

É bem sabido que no heterogéneo conjunto das estelas e estátuas-menires a adição de novos elementos a outros previamente gravados, a rasura de motivos antigos — numa clara atitude de “contra-memória” —, a sua transformação, seja por correcções e adaptações pontuais, seja por profunda e completa subversão do pré-existente, inclusive com a reorientação em 180° da leitura cénica, como se verifica na de Aldea del Rey II (Ciudad Real) (Harrison, 2004: 281), foram práticas bem mais comuns do que se admitia até há algum tempo atrás (veja-se, entre outros, Celestino Pérez, 2001: 89-91; 412; Harrison, 2004: 44-51).

Enquadramento arqueológico e questões em aberto

A peça de Aldeia Velha encontrava-se reaproveitada, o que diminui o seu interesse e impossibilita a identificação do respectivo contexto original.

Aparentemente, o estado de conservação sugere que não terá sido muito deslocada, mas é mera hipótese de fraca sustentação. Seria sempre possível recorrer ao seu transporte, mesmo em tempos mais remotos, numa carroça por exemplo, o que deixa em aberto qualquer possibilidade quanto ao seu local primário de origem¹⁴.

Com base nos elementos disponíveis, afiguram-se-nos três hipóteses possíveis, mas não podemos descartar outras.

A primeira é que tenha vindo das imediações do sítio onde se encontrava, por ventura da fértil zona de Alagoa, junto à aldeia, até porque não é incomum a asso-

¹⁴ Cfr. nota 6.

ciação deste tipo de monumentos a veigas de cultivo, lameiros e campos de pastos. Não são conhecidos quaisquer outros registos arqueológicos nas proximidades. Na verdade, diversos autores (v.g. Galán Domingo, 1993: 35-36) têm relacionado as estelas e estátuas-menires com os mais variados recursos estratégicos, daquela ou de outra natureza, bem como a proximidade de vias naturais e caminhos ancestrais. Para esta região, já Fernando Curado tinha sublinhado, a propósito da estela dos Fóios, a importância daquelas últimas, bem como da riqueza mineira (estanho e cobre, além do ouro) de que a Beira Interior é privilegiada (Curado, 1986: 108; Vilaça, 1995: 71; 1998a: 351-352).

A segunda, igualmente admissível, é a de uma proveniência mais afastada, nomeadamente da serra, onde se situa o povoado do Sabugal Velho, com ocupação do Bronze Final e Idade do Ferro, para além da medieval (v.g. Osório, 2006). Neste caso, haveria que valorizar a proximidade de um sítio, correlação que também é possível estabelecer para outras situações, nomeadamente na região das Beiras, como a do Monte de São Martinho (Castelo Branco), onde as estelas apareceram em local com outros vestígios de ocupação humana (Proença Júnior, 1905; Vilaça, 1995: 404; 2000: 38; 2004), Meimão (Penamacor) (Rodrigues, 1958; Vilaça, 1995: 84; 402)¹⁵, Barçal e Pedra da Atalaia, nestes dois casos numa relação espacial e visual com sítios de habitat (Santos *et al.*, neste volume; Vilaça *et al.*, neste volume)¹⁶. A proximidade entre estelas e povoados tinha sido já valorizada por Ana Martín Bravo (1999: 64) e discutida por Alarcão (2001: 325), assunto que recentemente também foi abordado por Enríquez Navascués (2006: 168) e Díaz-Guadarmino Uribe (2008: 38).

A terceira, igualmente incerta, mas também mais ousada e, por isso, de interesse acrescido, é a que conjuga arqueologia com toponímia.

Perante os dados, não podemos ficar indiferentes ao curioso topónimo de “Serra do Homem de Pedra”, designação da cumeada que se eleva a 1.135 m (marco geodésico), a cerca de 4 km para sudoeste de Aldeia Velha. É certo que o topónimo “Homem” repete-se em várias outras situações do território português, nunca associado ao aparecimento de estelas, estátuas-menires ou outros registos com figurações antropomórficas. Mas também é verdade que, no concelho do Sabugal, existe outro topónimo “Homem de Pedra” justamente na cumeada da serra da Malcata, muito próximo do local de achado da estela do Meimão¹⁷.

15 Prospecções realizadas no Verão de 2009 na serra da Malcata por dois dos autores (R.V. e M.O.), juntamente com António Martino Correia (aluno do 2.º Ciclo de Arqueologia e Território, FLUC), permitiram recolher informação adicional que confirma a existência de dormentes e moventes na área de achado da estela.

16 Situação similar configura-se para o recente achado da estela de Robleda (Martín Benito, 2009) e o povoado proto-histórico de Pico del Pozo de Los Moros, situado a cerca de 6 km a sul daquele local (Osório e Pernadas, no prelo).

17 Este topónimo vem registado no cadastro predial da freguesia da Malcata e aparece também nas cartas militares da década de 40, referindo-se à “Barroca do Homem de Pedra ou Ribeira da Porqueira”. Segundo fontes populares no local, o sítio está relacionado com o topo geodésico “Homem” (996 m), da

Não se conhece qualquer estrutura arqueológica no local deste topónimo na freguesia da Malcata. No entanto, já no topo da serra entre as freguesias de Aldeia Velha e Soito, existem restos de um recinto pétreo subcircular¹⁸, composto por dois anéis concêntricos com um diâmetro máximo de 56,80/58 m, aos quais foi adossado, do lado norte, um curto alinhamento perpendicular recto (Estampa 6). A sua cronologia e função são indeterminadas.

Também perto do sopé desta mesma cumeada, no sítio do Seixal, Cabeço Melhano, foi identificado um montículo artificial com cerca de 10 m de diâmetro, de cronologia igualmente incerta (Caninas *et al.*, 2009: 27). Ambos os casos revelam que a serra era visitada e revisitada (?) desde tempos remotos.

É certo que não podemos comprovar a associação do monólito de Aldeia Velha à Serra do Homem de Pedra, nomeadamente às estruturas circulares antes referidas, mas também parece evidente que o mesmo é “um homem de pedra” e que “homens de pedra” poderiam ser colocados no centro de estruturas pétreas, com e sem *tumulus*, isto é, definindo espaços monumentalizados de carácter evocativo, comemorativo, sepulcral, sagrado, ritual, etc.¹⁹. Esta questão conduz-nos ao célebre, embora longínquo, achado de Hirschlanden (Stuttgart), já da Idade do Ferro, estrutura com *tumulus* delimitada por anel pétreo no topo da qual se implantaria uma estátua de guerreiro (Zurn, 1971). Também recentemente foi apresentada interessante sugestão para as estelas de Almadén de la Plata (Sevilha), as quais poderiam ter feito parte de monumento tumular baixo mais antigo (García Sanjuán *et al.*, 2006: 149). Permanecemos, porém, no campo das hipóteses...

Num outro registo, deverá ser valorizada a proximidade entre os locais de achado dos monólitos de Aldeia Velha e dos Fóios (cerca de 6,5 km), e a sua equidistância

Serra da Malcata, que lhe fica próximo. A estela do Meimão foi descoberta numa plataforma da vertente meridional desta cumeada, também apenas a 4 km para poente. Em visita ao local, verifica-se que os trabalhos de florestação remexeram profundamente o solo, não se detectando qualquer testemunho arqueológico. Por outro lado, a população da aldeia da Malcata não menciona a existência de quaisquer vestígios nesse cabeço, nem se recorda da razão de atribuição do nome de “Homem” ao relevo.

18 Entre 18 e 23 de Julho de 1988, um dos autores (R.V.) realizou uma pequena sondagem na Serra do Homem de Pedra a pedido do então Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro. O alerta tinha sido dado pelo Eng.º Fernando Curado, uma vez que acabara de ser construída uma torre de vigia de fogos, e respectiva casa de apoio pré-fabricada, sobre uma estrutura pétreo subcircular aí existente, com sugestiva construção mista de blocos de xisto e incorporação de afloramentos naturais. A torre e a casa foram implantadas sobre o anel interior, que atingiria cerca de 10,40 m de diâmetro interno e uma largura de 4 m, tendo-o destruído quase por completo. A partir da periferia deste anel e a cerca de 10,50 m formava-se o segundo anel cuja largura média rondava 5 m. A sudoeste e perpendicularmente ao anel exterior foi realizada uma sondagem de 10 x 2 m, e atingiu-se a profundidade máxima de 78 cm. Neste ponto a estrutura era constituída por pequenas lajes e pedras em xisto, a seco, tendo-se revelado totalmente estéril em termos de materiais. O local é merecedor de atenção, com meios adequados, limpeza do terreno e rigoroso levantamento topográfico (Vilaça, 1989).

19 Neste sentido é ainda interessante a referência oral para a existência, num relevo mais a norte e com menor altitude (apenas a 1059 m), do topónimo ‘Mulher de Pedra’ (informação de João Caninas e de Fernando Curado, que agradecemos) que, apesar disso, não evidencia qualquer estrutura arqueológica.

ao recinto da serra do Homem de Pedra — entre 4,3 a 4,4 km, respectivamente nas vertentes opostas desta cumeada, certamente não por acaso. A estela dos Fóios foi encontrada acidentalmente. Mas decerto que não terá sido casual o seu achado precisamente à entrada norte da povoação, junto ao antigo caminho que faz a ligação àquela serra²⁰.

Irmanadas nas vicissitudes do acaso quanto à sua identificação, quer o monólito de Aldeia Velha, quer a estela dos Fóios, não podem ser dissociados do quadro do povoamento regional proto-histórico. Embora fixadas, imobilizadas, às estelas, como a qualquer outro monumento congénere, subjaz a ideia de movimentação, seja no sentido físico, implicando eventuais deslocações, visitas, pontuais ou cíclicas, da população, seja em termos cognitivos e cosmológicos inerentes às dinâmicas de produção e reprodução social das comunidades da Idade do Bronze regional.

Os marcadores conhecidos desse povoamento resultam de alguns trabalhos de prospecção, escavação e diversos achados avulsos, mas nunca a região do Alto Côa foi sujeita a um projecto sistemático e direccionado para o seu estudo. Recordemos que nesta área encontraram-se diversos artefactos metálicos de bronze, alguns de grande qualidade e significado cultural, que manifestam, pelo menos desde finais do II milénio a.C. importante presença humana (Estampa 8): da Lageosa do Côa provêm dois machados de bronze, em Aldeia do Bispo e Vila Boa foram encontrados dois escopros, em Vilar Maior a notável espada de lâmina pistiliforme indissociável do sítio de habitat (Vilaça, 2000: 41), para além das referências, não confirmadas, ao aparecimento de fragmentos de machados em Caria Talaia (Ruvina) e Sabugal Velho (Aldeia Velha) (Vilaça 1995: 85; 2008: 45)²¹.

Por outro lado, estão também bem identificados diversos núcleos na área mais imediata de achado da peça de Aldeia Velha. Entre eles, enumeram-se os sítios abertos em terrenos planálticos da Matrena (Aldeia da Ponte) e Carapito (Aldeia da Ribeira), bem como os assentamentos do Seixo (Alfaiates), Seixo Branco (Aldeia da Ribeira), Castelos de Ozendo (Quadrazais), Alfaiates, Caria Talaia (Ruvina) e Sabugal Velho (Aldeia Velha), que evidenciam manchas de ocupação de características homogéneas, ocupando lugares elevados, pontualmente defendidos com estruturas, e mantendo uma boa intervisibilidade (Osório, 2005; Vilaça, 2008).

Destes, apenas o Sabugal Velho e Caria Talaia foram sujeitos a escavações arqueológicas.

No Sabugal Velho foram detectados, no decurso de várias campanhas de escavação, restos preservados de duas edificações habitacionais e da muralha, de 4 m de largura, com provável entrada a ocidente, de acesso indirecto, guarnecida com torreões, socacos e contrafortes defensivos. Entre o espólio exumado enumera-se cerâmica de fabrico manual ou a torno, sem traços morfológicos ou decorativos espe-

20 Informação já antes sugerida por Fernando Curado, a quem também devemos a chamada de atenção para a existência do topónimo “Serra do Homem de Pedra” e do seu potencial interesse arqueológico.

21 Compilando bibliografia específica anterior.

cíficos: incisões no lábio e cepilhados superficiais; decoração impressa com penteados ondulados e entrecruzados; decoração estampilhada com semicírculos concêntricos; e ainda um conjunto de cerâmicas torneadas, de cozedura oxidante, com pastas finas e depuradas, algumas com motivos pintados em bandas de cor vínica. Destaca-se igualmente um escopro de bronze de secção quadrangular, uma fíbula de tipo *Acebuchal* (sécs. VI-V a.C.) e outra de tipo anular em *ómega* (sécs. III-II a.C). Estes materiais permitem datar a ocupação do sítio desde o final da Idade do Bronze até à II Idade do Ferro (Osório, 2006: 120).

Em Caria Talaia (Ruvina), a extensão da intervenção arqueológica foi bastante menor e as condições de jazida revelaram-se muitíssimo destruídas, com ténues vestígios de estruturas e alguns materiais como mós de vaivém, utensílios e adornos de pedra polida, e cerâmicas várias, com destaque para as incisas e impressas de âmbito mesetenho. A ocupação é atribuível à Idade do Bronze, com duas possíveis fases²².

Notas finais e outras considerações ainda

Não obstante a existência das limitações a que nos referimos no início, o achado desta peça reveste-se de uma importância extraordinária.

Desde logo, é elemento que reforça a configuração de importante núcleo de achados de “estelas do Sudoeste” em torno do Ocidente da Cordilheira Central, atribuindo-lhe (à região) papel de destaque na viragem do II para o I milénio a.C. Note-se que em termos de localização geomorfológica não se verifica unanimidade (Estampa 7), já que umas estelas se integram em plena cordilheira montanhosa (Meimão, Fóios, Aldeia Velha, San Martín de Trevejo e Hernán Pérez), enquanto outras, não serranas, privilegiaram as zonas planálticas de relevos suaves (Baraçal 1 e 2, e Robleda). Simultaneamente, confere-lhes (às estelas) uma dimensão de maior “atlantização”²³, i.e. resultante do seu carácter indígena, de resto já inerente a determinados motivos representados.

Por outro lado, a própria forma do suporte levanta importantes questões quanto à pretensa uniformidade de um fenómeno que em termos de percepção pode variar muito. Na verdade, para além do evidente paralelismo gráfico do conjunto espada-escudo-lança, será que podemos comparar peças que são praticamente bidimensionais (porque sob lajes) com esta cujo trabalho de “escultura” sobre a pedra lhe proporcionou uma já referida tridimensionalidade? Se a isto acrescentarmos o facto, que deve ser igualmente sublinhado, do aparecimento da mesma temática sob outras formas como seja a arte rupestre (Gomes, 1989; Vilaça, 1998b: 208 e 214; Collado Giraldo, 2008: 321; Galán Domingo, neste volume), a lógica impele a que nos afastemos das hipóteses que pretendem explicar de uma forma global e unívoca um fenómeno que só é individualizável praticamente devido a uma evidente recorrência da gravação de

²² As escavações do sítio, recentemente concluídas, foram da responsabilidade de Raquel Vilaça e de Marcos Osório, encontrando-se o respectivo estudo em preparação.

²³ Em que também se insere a estela de Cervos (Alves e Reis, neste volume).

certos motivos.

Mesmo do ponto de vista técnico, e excluindo casos em que se recorreu ao relevo, como em Baraçal 1 (Curado, 1984), a gravação envolve formas diversas de peça para peça, inclusive “dentro” da mesma; poderá este facto condicionar também a mensagem a transmitir? O certo é que, como referimos anteriormente, o picotado não é homogéneo ao longo do reportório figurativo presente no caso em estudo. Será, por exemplo, uma casualidade a existência de uma diferença técnica na área do capacete? Não será esta uma das razões que tornam o motivo tão ubíquo de interpretar ao ponto de nele podermos ver uma face com capacete, um capacete antropomorfizado ou um simplesmente decorado? Não será esta ubiquidade intencional? E não ajudará essa ubiquidade, conjuntamente com a disposição dos motivos representados, a “encontrarmos” aqui um corpo onde apenas se observa um pilar? Em termos de temática, o suporte pétreo foi guarnecido com os principais atributos de um “modelo” de guerreiro da época, quer de carácter ofensivo (espada e lança), quer defensivo (escudo e capacete). É precisamente a presença do capacete, mas também do motivo indeterminado, e simultaneamente “intruso”, que isola esta peça das restantes.

A questão do motivo indeterminado é importante. Pese o facto de este corresponder a algo que na época seria percebido por toda uma “zona cultural”, a verdade é que a existência de alguns motivos isolados e que não são de reconhecimento óbvio pode-nos levar a presumir a existência de diversos níveis de leitura de uma mesma peça, ou melhor, na possibilidade de se encontrarem diversas audiências em mente na altura em que o monumento foi erigido: uma com origem geográfica mais abrangente e portadora de símbolos em comum (a tríade escudo-espada-lança), outra de origem mais local, única conhecedora das referências por trás de determinados motivos. Este aspecto afigura-se-nos da maior relevância em termos de negociação da identidade e poder por parte das comunidades.

Uma outra questão recorrente prende-se com a finalidade das estelas. Poderão as diferenças ao nível do suporte, da técnica e da temática corresponder a diferentes “funcionalidades”? Um importante contributo para o aprofundamento deste problema residiria na identificação do contexto original da peça sobre a qual nos debruçamos.

Contudo, e infelizmente, também ela foi encontrada em condições de reaproveitamento, tal como já tinha acontecido com as demais da região, situação que nos impede de identificar os respectivos contextos originais. A confirmação de que o recinto do Homem de Pedra corresponderia ao local original da peça e o aprofundamento da caracterização deste sítio seriam de capital importância. Basta pensarmos nas diferenças deste sítio com, por exemplo, o de Pedra da Atalaia, na Serra do Ralo, para nos apercebermos da importância da questão (Vilaça *et al.* neste volume). Mas não podemos ignorar outras possibilidades, sendo igualmente bastante sugestiva a proximidade de um dos povoados proto-históricos mais importantes desta região, o Sabugal Velho.

É bem sabido que são muito diversas as situações de proveniência das estelas: topo de colinas, crista de cumeadas, encostas, ambientes montanhosos, planícies fluviais, etc. Mas se pensarmos que outras estelas vizinhas e coevas cuja proveniência está bem determinada — Meimão, San Martín de Trevejo ou Atalaia 1 — têm sempre uma situação de domínio face à envolvente paisagística, então será de supor que o factor da visibilidade é importante independentemente de possíveis diferenças ao nível dos contextos específicos dos sítios. Com efeito, nesta altura, na região, o poder “residia” ou emanava n(d)o alto, mormente por aí se encontrarem as comunidades (Vilaça, 1998b; 2000).

Em outro texto (Vilaça *et al.* neste volume) admitiu-se a hipótese de os sítios onde se encontram estas peças poderem comportar a dimensão de locais polarizadores de negociações intergrupais. Negociações desse tipo tanto se poderiam dar nos limites dos territórios (como poderia ter sido o caso de Pedra da Atalaia), em necrópoles ou em recintos de elevado valor simbólico, como seria o caso do de Homem de Pedra, se se confirmasse ser essa a proveniência da peça. Se assim tivesse sido, erguido na crista de elevado relevo e presente nos horizontes das comunidades que os testemunhos materiais atrás referidos evocam (Estampa 8), o monólito não só seria referente n(d)o espaço, como tutelaria todo um território envolvente, fomentando sentimentos de pertença e identidade.

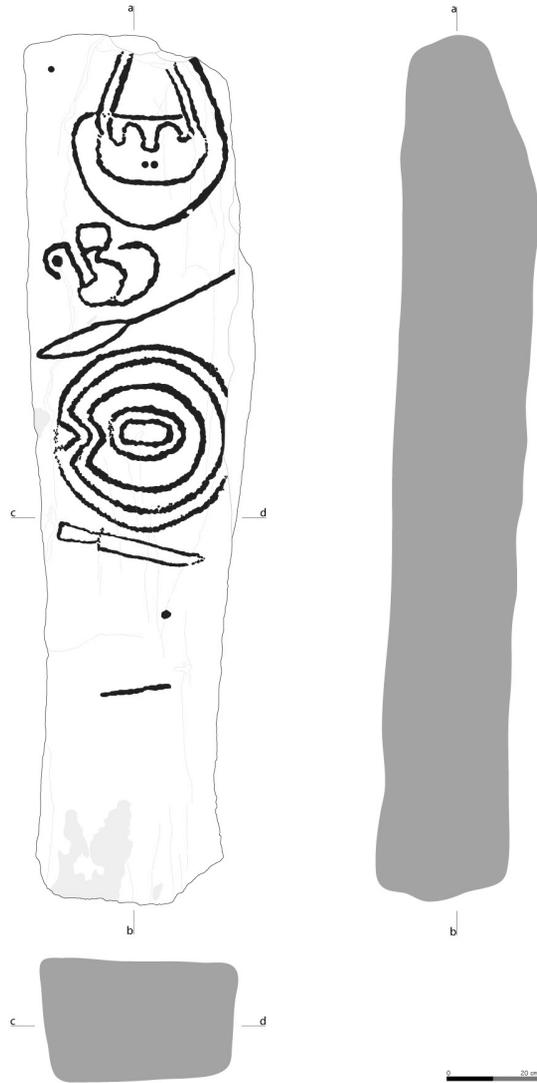
Independentemente destes aspectos, parece ser certo que, de forma directa ou indirecta, o fenómeno de territorialização, qualquer que tenha sido a sua natureza, ainda que aqui e sempre expressando poder, acaba por estar implícito. Mais que não seja, a par das mensagens veiculadas pelos contextos específicos de cada sítio e das traduzidas pelas peças (suporte + temática), o(s) território(s) foram mais um recurso manipulado pelas comunidades que erigiram e viveram estes monumentos. A integração simbólica do espaço no devir social das comunidades é, aliás, algo que no Bronze Final se observa a diversos níveis: controlo das vias de comunicação (Ruiz-Gálvez Priego e Galán Domingo, 1991; Vilaça, 1995), reapropriação de sítios anteriores — sejam estes necrópoles (v.g. Fonte da Malga, Viseu) (Kalb e Höck, 1979), sítios de arte rupestre (v.g. Fial, Tondela) (Santos, 2008), deposições de artefactos (Vilaça, 2007), ou mesmo sítios de *habitat* (Valera, 2008) —, etc. E, por fim, mais uma vez ainda — importa sublinhá-lo — a sintomática coincidência das estelas, como a de Aldeia Velha, com a riqueza mineira (estanho, ouro e cobre) do interior beirão rasgado por importantes corredores naturais de circulação (Vilaça, 1995: 71, 412, 420).

Bibliografia

- ALARCÃO, J. (2001) — Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4 (2), p. 293-349.
- ALMAGRO BASCH, M. (1966) — *Las estelas decoradas del Suroeste Peninsular*, Madrid, Biblioteca Praehistorica Hispana VIII.
- ALVES, L.B. e REIS, M. (neste volume) — Memoriais de pedra, símbolos de Identidade. Duas novas peças escultóricas de Cervos (Montalegre, Vila Real).
- BRANDÃO, D.P. (1963) — Achado da “época do bronze” de Vila Cova de Perrinho, Vale de Cambra, *Lucerna*, III, p. 114-118.
- BRANDHERM, D. (2008) — The warriors’ new headgear, *Antiquity*, 82, p. 480-487.
- CANINAS, J.C.; HENRIQUES, F.; BATISTA, A.; MONTEIRO, M.; CHAMBINO, M.; HENRIQUES, F.R.; CANHA, A. e CARVALHO, L. (2009) — Estruturas monticulares antigas na fronteira Sul do concelho do Sabugal, *Sabucale*, 1, p. 21-38.
- CELESTINO PÉREZ, S. (2001) — *Estelas de guerrero y estelas diademadas*, Barcelona, Ediciones Bellaterra.
- CELESTINO PÉREZ, S. (2008) — La precolonización a través de los símbolos. In Celestino, S., Rafel, N. e Armada, X.-L. (eds.) *Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico (siglos XII-VIII a.n.e.)*. *La precolonización a debate*, Madrid, CSIC, Série Arqueológica 11, p. 107-119.
- CELESTINO PÉREZ, S. e LÓPEZ RUIZ, C. (2006) — New light on the warrior stelae from Tartessos (Spain), *Antiquity*, 80, p. 89-101.
- CELESTINO PÉREZ, S. e SALGADO CARMONA, J.A. (neste volume) — Nuevas metodologías para la distribución espacial de las estelas del Oeste peninsular.
- COLLADO GIRALDO, H. (2008) — Arte rupestre prehistórico en Extremadura: 1997-2006. In Balbín Behrmann, R. (ed.), *Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*, [Documentos PAHIS, 9], p. 287-322.
- COUTIL, L. (1927) — Le casque de Blainville (Meurthe-et-Moselle), *Bulletin de la Société préhistorique Française*, 24 (10), p. 362-366.
- CURADO, F.P. (1984) — Uma nova estela do Bronze Final da Beira Alta (Baraçal, Sabugal, Guarda), *Arqueologia*, 9, Porto, GEAP, p. 81-85.
- CURADO, F.P. (1986) — Mais uma estela do Bronze Final da Beira Alta (Fóios, Sabugal, Guarda), *Arqueologia*, 14, Porto, GEAP, p. 93-109.
- DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, M. (2008) — Iconical signs, indexical relations: Bronze Age Stelae and Statue-Menhirs in the Iberian Peninsula, *Journal of Iberian Archaeology*, 11, ADECAP, p. 31-45.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J.J. (2006) — Arqueologia rural y estelas del SO (desde la tierra, para la tierra y por la tierra), *Cuadernos de Arqueologia Universidad de Navarra*, 14, p. 151-175.
- GALÁN DOMINGO, E. (1993) — *Estelas, Paisaje y Territorio en el Bronce Final del Suroeste de la Península Ibérica*, Madrid, Editorial Complutense, [Complutum extra 3].
- GALÁN DOMINGO, E. (neste volume) — Nuevos hallazgos sobre viejas ideas. Una reflexión sobre las representaciones “atípicas” en las estelas del Bronce Final del Suroeste de la Península Ibérica.
- GARCÍA DE FIGUEROLA, M. (1982) — Nueva estela decorada del tipo II en San Martín de Tre-

- vejo (Cáceres), *Zephyrus*, 34-35, p. 173-180.
- GARCÍA SANJUÁN, L.; WHEATLEY, D.; FÁBREGA ÁLVAREZ, P.; HERNÁNDEZ ARNEDEO, M.J.; POLVORINOS DEL RÍO, A. (2006) — Las estelas de guerrero de Almadén de la Plata (Sevilla). Morfología, tecnología y contexto, *Trabajos de Prehistoria*, 63 (2), p. 135-152.
- GIRÃO, A.A. (1951) — *Geografia de Portugal*, Porto, Portucalense Editora.
- GOMES, M.V. (1989) — Arte rupestre do Vale do Tejo, um Santuário Pré-histórico. In *Encontros sobre el Tajo: El agua y los asentamientos humanos, Cuadernos de San Benito*, 2, Madrid, Fundación San Benito de Alcántara, p. 49-75.
- HARRISON, R.J. (2004) — *Symbols and Warriors. Images of the European Bronze Age*, Bristol, Western Academic & Specialist Press Limited.
- HENCKEN, H. (1955-1956) — Fragmentos de cascos de Huelva, *Ampurias*, 17-18, p. 224-228.
- KALB, P. (1980) — Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal, *Germania*, 58, p. 25-59.
- KALB, P. e HÖCK, M. (1979) — Escavações na necrópole de mamoas “Fonte da Malga” — Viseu, Portugal, *Beira Alta*, 38 (3), Viseu, p. 593-604.
- MARTÍN BENITO, J. (2009) — Una estela de la Edad del Bronce en Robleda (Salamanca), *La Crónica de Benavente*.
[<http://lacronicadebenavente.blogspot.com/2009/12/la-estela-derobleda.html>].
- MARTÍN BRAVO, A.M. (1999) — *Los Orígenes de Lusitânia. El I milenio A.C. en la Alta Extremadura*, Madrid, Real Academia de la Historia 2.
- OSÓRIO, M. (2005) — Contributos para o estudo do I milénio a.C. no Alto Côa. In *Lusitanos e Romanos no nordeste da Lusitânia: Actas das II Jornadas do Património da Beira Interior*, Guarda, Centro de Estudos Ibéricos, p. 35-65.
- OSÓRIO, M. (2006) — Sabugal Velho (Sabugal). In Valera, A.C. (coord.), *Do Neolítico Inicial ao Final da Idade do Bronze no Interior Centro de Portugal. Territórios da Pré-história em Portugal*, 3, Tomar, p. 118-127 [Arkeos 21].
- OSÓRIO, M. (2009a) — A Idade do Ferro no Alto Côa: os dados e as problemáticas. In Sanabria Marcos, P.J. (ed). *Lusitanos y vettones. Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa - Alto Alentejo – Cáceres*, Memorias 9, Museo de Cáceres, p. 95-115.
- OSÓRIO, M. (2009b) — Encontro de investigadores da Pré e Proto-história no Museu do Sabugal, *Jornal Cinco Quinas*, n.º 104, Ano X, Novembro.
- OSÓRIO, M. e PERNADAS, P. (no prelo) — Índícios de vitrificação da muralha proto-histórica do Sabugal Velho. *Actas do IV Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*.
- PHILIPPON, A. (dir.) (2002) — *Satues-Menhirs. Des énigmes de Pierre venues du fond des âges*, Rodez, Éditions du Rouergue.
- PROENÇA JÚNIOR, F.T. (1905) — *Notice sur deux monuments épigraphiques*, Coimbra, typografia França Amado.
- RODRIGUES, A.V. (1958) — Novos elementos para o estudo da Idade do Bronze. A estela de Meimão, *Studium General*, V, Centro de Estudos Humanísticos, Porto, p. 5-10.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1995) — La Ria en relación con la metalurgia de otras regiones peninsulares durante el Bronce Final. In Ruiz-Gálvez Priego (ed.), *Ritos de Paso y Puntos de Paso. La Ría de Huelva en el Mundo del Bronce Final Europeo*, Madrid, p. 59-67 [Complutum extra 5].

- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. e GALÁN DOMINGO, E. (1991) — Las estelas del Suroeste como hitos de vias ganaderas y rutas comerciales, *Trabajos de Prehistoria*, 48, p. 257-273.
- SANABRIA MARCOS, P. (neste volume) — La estela decorada del Puerto de Honduras (Cabezuela del Valle, Cáceres).
- SANTOS, A.T. (2008) — *Uma abordagem hermenêutica-fenomenológica à arte rupestre da Beira Alta. O caso do Fial (Tondela, Viseu)*, Viseu, CEPBA [Estudos Pré-históricos 13].
- SANTOS, A.T.; VILAÇA, R. e MARQUES, J.N. (neste volume) — As estelas do Baraçal, Sabugal (Beira Interior, Portugal).
- TEIXEIRA, C.; PERES, A.M.; PILAR, L. e FERNANDES, A.P. (1960) — *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50000. Notícia explicativa da folha 21-B - Quadrasais*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.
- VALERA, A.C. (2008) — A Quinta das Rosas (Fornos de Algodres): expressão de matrizes prévias do povoamento da Pré-história Recente durante o Bronze Final. In Santos, A.T.; Murralha, J. e Sampaio, J. (coords.), *Pré-história. Gestos intemporais* (Actas das Sessões do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, vol. 1), Porto, ACDR Freixo de Numão, p. 136-150.
- VILAÇA, R. (1989) — *Relatório dos trabalhos de escavação realizados na "Serra do Homem de Pedra, Sabugal-1988*, Coimbra (inédito).
- VILAÇA, R. (1995) — *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e sul) nos finais da Idade do Bronze*, Trabalhos de Arqueologia 9, Lisboa, IPPAR.
- VILAÇA, R. (1998a) — Produção, consumo e circulação de bens na Beira Interior na transição do II para o I milénio a.C., *Estudos Pré-históricos*, 6, Viseu, CEPBA, p. 347-374.
- VILAÇA, R. (1998b) — Hierarquização e conflito no Bronze Final da Beira Interior. In Jorge, S.O. (ed.), *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?*, Trabalhos de Arqueologia 10, Lisboa, IPA, p. 203-217.
- VILAÇA, R. (2000) — Notas soltas sobre o património arqueológico do Bronze final da Beira Interior. In Ferreira, M.C., Perestrelo, M.S., Osório, M., Marques, A.A. (eds.), *Beira Interior, História e Património*, Guarda, p. 31-49 [Actas das I Jornadas de Património da Beira Interior, 1998].
- VILAÇA, R. (2004) — O Monte de S. Martinho, Castelo Branco, na Idade do Bronze. In *Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, IPM, p. 54-61.
- VILAÇA, R. (2007) — *Depósitos de bronze do território português. Um debate em aberto*, Coimbra, Instituto de Arqueologia da FLUC [Conimbriga Anexos 5].
- VILAÇA, R. (2008) — A Proto-história no Museu do Sabugal. In *Museu do Sabugal. Coleção Arqueológica*, Sabugal, p. 39-51.
- VILAÇA, R.; SANTOS, A.T. e MARQUES, J.N. (2004) — O monte de S. Martinho na Idade do Bronze (76 Estátua-menir, 77 Estátua-menir, 78 Menir). In *Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, IPM, p. 159-166.
- VILAÇA, R.; SANTOS, A.T. e GOMES, S.M. (neste volume) — As estelas de Pedra da Atalaia (Celorico da Beira, Guarda) no seu contexto geoarqueológico.
- WESTER, K. (2000) — The Mystery of the Missing Viking Helmets, *Neurosurgery*, 47 (5), p. 1216-1229.
- ZURN, H. (1971) — La stelle hallstattienne de Hirschlanden (Wurttemberg), *Bolletino del Centro Camuno di Studi Preistorici*, VII, p. 55-67.



Estampa 1 – Decalque da estela de Aldeia Velha.



Estampa 2 – Fotografia da estela de Aldeia Velha.



Estampa 3 – Pormenor dos elementos existentes no topo da estela.



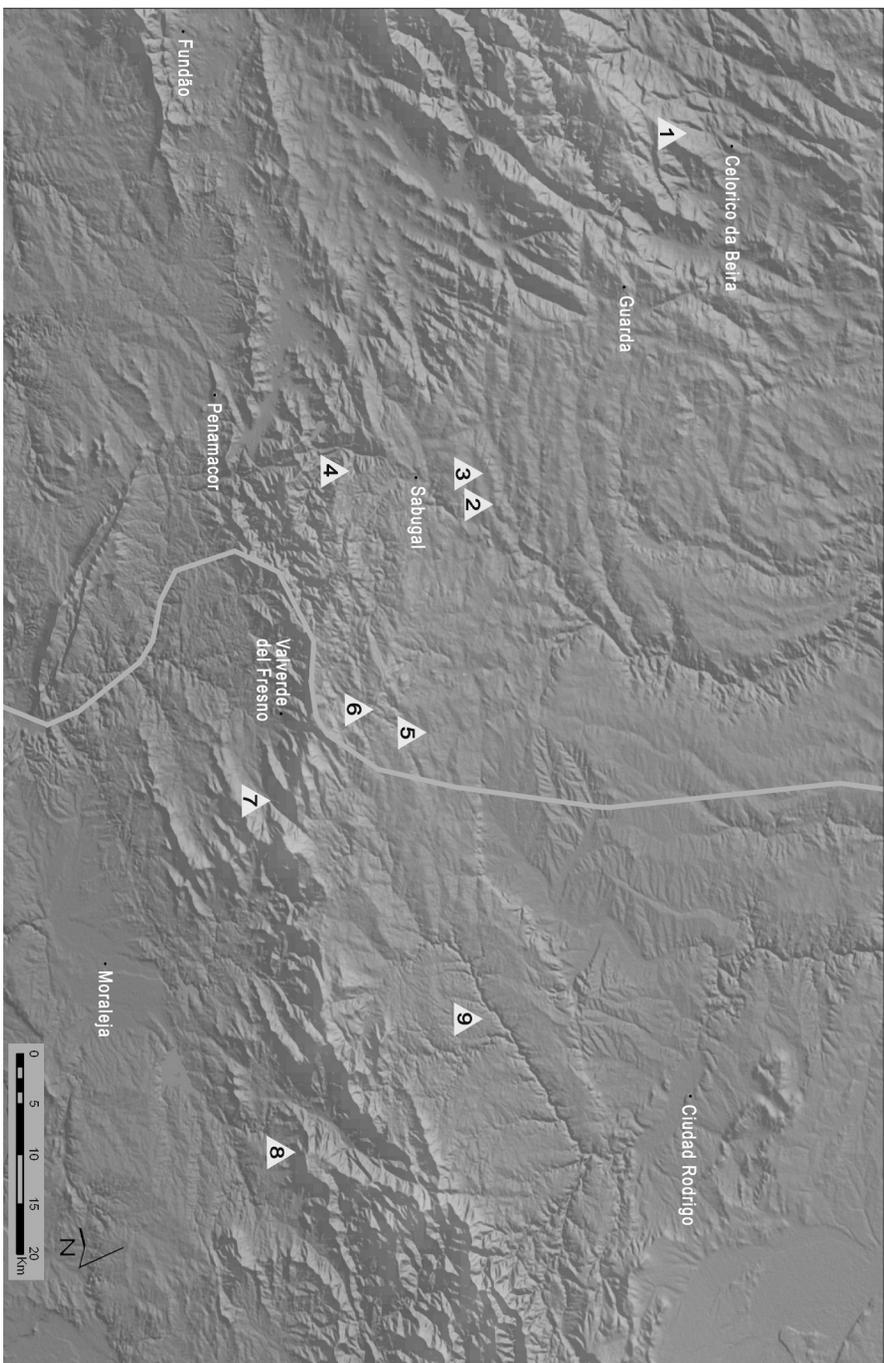
Estampa 4 – Pormenor de outros elementos centrais.



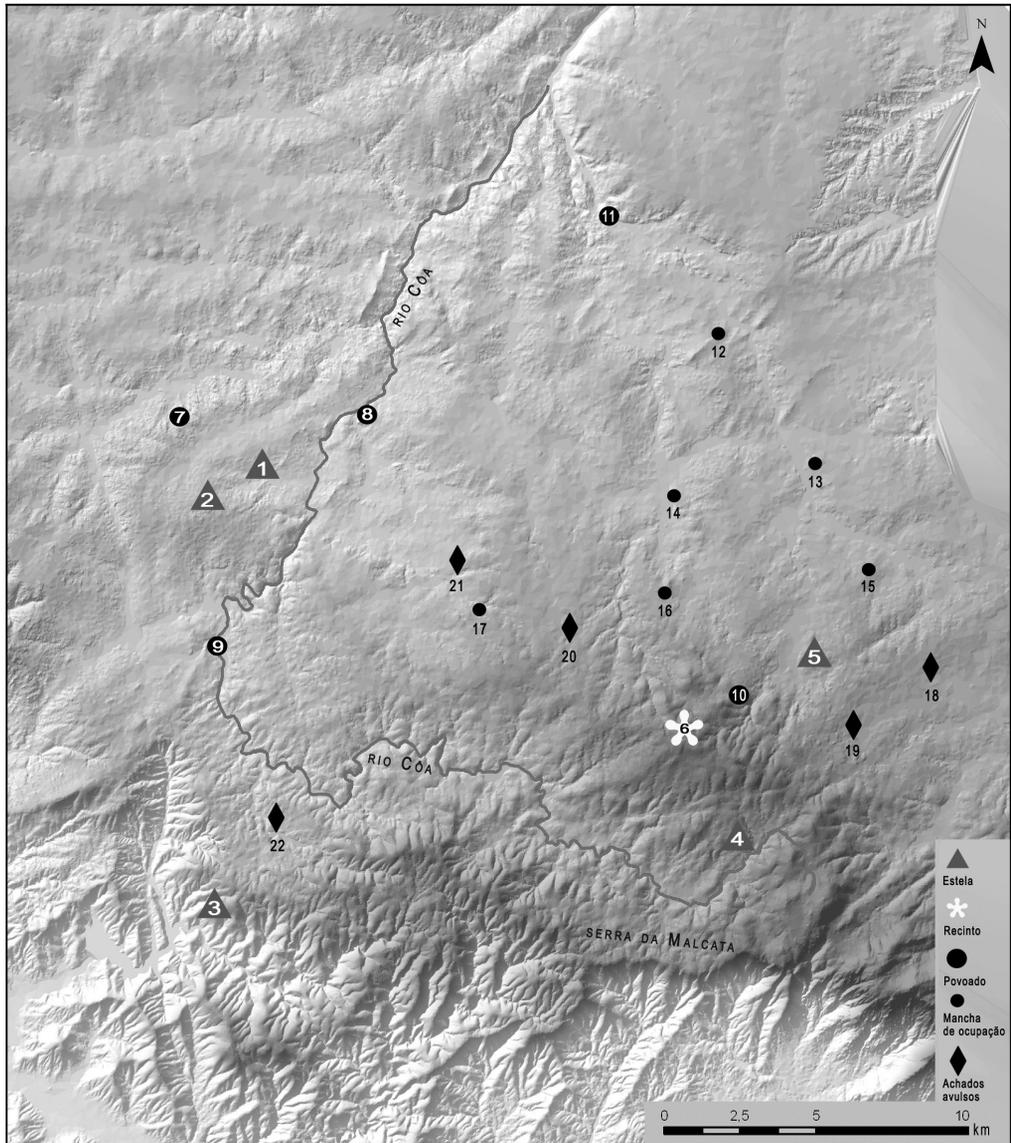
Estampa 5 – O impacto da Serra do Homem de Pedra na paisagem do Alto Côa, desde noroeste.



Estampa 6 - Vista aérea do recinto circular pétreo da Serra do Homem de Pedra, a torre de vigilância de incêndios e o marco geodésico.



Estampa 7 - Mapa de localização das estelas conhecidas na zona em torno da Serra da Gata / Malcata: 1 - Pedra da Atalaja (Celorico da Beira); 2 - Baraçal 1 (Sabugal); 3 - Baraçal 2 (Sabugal); 4 - Meirão (Penamacor); 5 - Aldeia Velha (Sabugal); 6 - Fóios (Sabugal); 7 - San Martín de Trevejo (Cáceres); 8 - Hernán Pérez (Cáceres); 9 - Robleada (Salamanca).



Estampa 8- Mapa de distribuição das estelas e do povoamento conhecido na zona do Alto Côa: 1 - Baraçal 1 (Sabugal), 2 - Baraçal 2 (Sabugal), 3 - Meimão (Penamacor), 4 - Fóios (Sabugal), 5 - Aldeia Velha (Sabugal), 6 - Serra do Homem de Pedra (Soito), 7 - Alto da Pena (Vila do Touro), 8 - Caria Talaia (Ruvina), 9 - Sabugal, 10 - Sabugal Velho (Aldeia Velha), 11 - Vilar Maior, 12 - Seixo Branco (Aldeia da Ribeira), 13 - Matrena (Aldeia da Ponte), 14 - Alfaiates, 15 - Alto do Picoto (Forcalhos), 16 - Seixo (Alfaiates), 17 - Castelos de Ozendo (Quadrazais), 18 - Lageosa da Raia, 19 - Aldeia do Bispo, 20 - Soito, 21 - Vila Boa, 22 - Malcata.